



Núcleo
Psicanalítico de
Aracaju

Perversões: a falta do encontro¹

Petruska Passos Menezes

¹ Texto escrito em 2009.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. ABORDAGEM INICIAL DO ESTUDO PSICANALÍTICO	3
3. CONCEITUAÇÃO	6
4. FREUD E A COMPREENSÃO DA PERVERSÃO.....	9
4.1 Fases do desenvolvimento da teoria freudiana da perversão	9
5. A PERVERSÃO DEPOIS DE FREUD	16
6. A CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL E A PERVERSÃO.....	18
6.1 Características clínicas do funcionamento perverso	18
6.2 Observações da clínica	23
6.3 O tratamento	25
6.4 Perversão na transferência	26
7. O PENSAMENTO PERVERSO – A PERVERSÃO NO COTIDIANO.....	28
7.1 A perversão no dia a dia	28
7.2 A perversão na instituição psicanalítica	30
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Todos os dias as pessoas já acordam pensando em seus vários compromissos diários. Escovam os dentes pensando nas contas a pagar, no dia duro de trabalho, exaustivo, que deve se prolongar até à noite, quando terão algum curso para fazer ou um artigo para estudar. É assim todos os dias. Alguns podem se sentir privilegiados por poderem compartilhar suas atividades com o cônjuge, suas alegrias e suas tristezas. Outros o fazem com um ou outro amigo, não todos os dias, mas alguns dias da semana.

Essa capacidade de dividir, compartilhar sentimentos é uma dádiva que o homem tem para aliviar as tensões, para compartilhar as alegrias e, assim, poder ser entendido. Quando é compreendido, ele se desenvolve por completo e suporta melhor a vida e a realidade. Realidade essa que se coloca como capaz de testar nossa capacidade de sobrevivência a ela.

Entretanto, para poder compartilhar com o outro, é necessário, primeiramente, que alguém possa ensinar a compartilhar. Esse é um comportamento aprendido. E compartilhar envolve amor, envolve capacidade de doar um pouco de si para poder receber um pouco do outro.

Este trabalho procura falar de amor, ou melhor, da falta dele. A perversão é um funcionamento mental gerado por dificuldades na vinculação entre o bebê e os pais. Assim, a ideia é mostrar a perversão por um outro prisma, com um novo olhar, para além das práticas e comportamentos agressivos dos perversos, como tende a pensar a maioria das pessoas. Um olhar que observe o sofrimento humano por trás de atitudes primitivas de sobrevivência mental. Sofrimento que está presente em todos os homens e, portanto, encontra-se em qualquer um.

A perversão está presente no cotidiano. Todos os homens possuem, em maior ou menor grau, em algum momento da sua vida, uma característica do funcionamento perverso. A perversão é a limitação das formas de lidar com a realidade. É nesse contexto que o trabalho se desenvolve e, por isso, será abordada a perversão tanto na clínica como no cotidiano. Busca-se mostrar que ela está mais presente do que se pensa. Quando é possível perceber que o funcionamento perverso não é algo estranho a todos, torna-se mais fácil aceitar e lidar com esse funcionamento.

A dificuldade de manter o contato, o encontro com o outro, não pode ser observada com desdém ou discriminação. Deve ser olhada, acima de tudo, com amor, pois a capacidade de amar do outro e/ou do analista pode auxiliar no rompimento do círculo perverso de sofrimento. Através de uma nova experiência de amor com o analista é que o paciente pode

ressignificar seus atos. Com o auxílio do amor e de novas experiências é que o perverso pode aprender a amar.

2. ABORDAGEM INICIAL DO ESTUDO PSICANALÍTICO

Quem primeiro ensina o ser humano a amar é a mãe ou aquele(a) que a represente. Não porque ela possua algum poder mágico ou especial. Ela é a primeira porque é ela quem primeiro o bebê conhece, por carregá-lo em seu ventre, por nutri-lo e cuidar dele. É com ela que tem o primeiro contato desde que é gerado. Assim, cabe a ela mostrar e agir de forma a ser uma espécie de primeiro modelo, que possui um alto poder de influência justamente por ser o primeiro, num período inicial do desenvolvimento, quando se está muito frágil. Os cuidados, o amor e a ligação da mãe com o bebê são extremamente importantes para a sobrevivência do “pequenino” num mundo visto como agressivo, como consequência de uma projeção de sua pulsão de morte.

Esse primeiro contato com a mãe é intenso. Para o bebê, só existe ele e a mãe, e ela é sua extensão. Ele acredita que supre todos os desejos dela, como ela deve suprir os dele. Então, por esse tipo de pensamento, ele acredita que é um ser completo. Que a mãe não precisa de mais nada além dele. Que o mundo se resume somente aos dois e que a mãe está ali para suprir as necessidades dele como fome, frio, entre outras.

Contudo, depois dessa intensa e primeira vinculação, é importante que apareça a figura de um terceiro, o pai, que procura abrir os caminhos do pequeno bebê para o restante do mundo. É o pai, ou quem o representa, que vai mostrar à criança esse mundo grande e diverso, ensinando o bebê a perceber que ele existe distintamente de sua mãe, que existe uma realidade além da mãe e do bebê e que ele deve aprender a suportá-la. É o pai, ou a representação dele através da mãe, que mostra que ele não é completo, que existem dois generos – o homem e a mulher – e que existe uma dimensão que o separa dos pais: o tempo. O tempo mostra que ele é um bebê que está se desenvolvendo, enquanto o pai e a mãe já são adultos.

É pelo amor e pela presença da realidade que o pequeno bebê se desenvolve e aprende, passo a passo, a driblar as adversidades e os conflitos que surgem, para que, quando adulto, possa fazer o mesmo com seu filho. É assim a lei da perpetuação da espécie. É a lei da vida.

Entretanto, muitas vezes a realidade se faz por demais severa. Ela se torna mais agressiva do que o psiquismo pode suportar. Quando isso acontece, o ser humano busca criar alternativas para sobreviver e tolerar o que, então, está insuportável. Essas alternativas de sobrevivência psíquica nem sempre são a melhor forma de lidar com a realidade – se é que existe uma melhor forma para isso! E, quando essas novas tentativas de lidar com a realidade ocorrem, a percepção interna da vida é alterada.

Como explica Freud, no ciclo da vida, o desenvolvimento da libido passa por várias fases: oral, anal, fálica e genital. O desenvolvimento não ocorre de uma só vez, mas aos poucos, junto com a maturação biológica. Em cada fase do desenvolvimento dessa libido, aprende-se a sentir o corpo, numa descoberta constante do nosso “eu”. O ser em desenvolvimento descobre, no início da vida, como é bom mamar e tocar as coisas com a boca. Descobre, para a sua sobrevivência, que é prazeroso colocar algo na boca. A boca é a primeira zona de prazer do bebê. Freud chamou essa primeira fase de descoberta da boca como fase oral.

Depois da boca, o bebê descobre que o que ele ingere, de certa forma, é eliminado em forma de urina ou de fezes. Ele se dá conta de que produz algo, de que dele sai algo. Ele volta-se para os esfíncteres e aprende a controlar a eliminação do que produz. É a fase anal.

Freud continua dizendo que, passada a descoberta das sensações da fase anal, a criança descobre o seu sexo. Descobre que possui um pênis ou uma vagina. E descobre, também, que pode ter sensações agradáveis nessa região. Mas seu desenvolvimento biológico ainda não chegou ao final e, por não ser um adulto, ele não consegue realizar suas fantasias. Freud chama esse contato inicial com os órgãos sexuais de fase fálica. É nessa fase que surge o que ele chamou de Complexo de Édipo. Ele diz que o menino deseja profundamente a mãe, e a menina, o pai. A criança quer possuir seus primeiros objetos de amor assumindo uma posição central na vida deles. Só que isso não é possível porque o pai já possui a mãe. O bebê se dá conta de que não pode disputar o outro porque, enquanto ele é pequeno, o pai e a mãe já são adultos. Então ele tem medo de que o pai descubra suas fantasias e de que o machuque, ou castré. E a menina acha que já foi castrada, por não possuir o pênis que ela vê em seu pai. Freud chama esse medo de Complexo de Castração.

Assim, diante do Complexo de Édipo e do medo da castração, a criança suprime seus desejos. Ela os esconde dela mesma jogando-os para um lugar a que ela não tem acesso, de forma que não precise ficar se lembrando deles o tempo todo: o inconsciente. Ao período de esquecimento das fantasias sexuais, Freud chama de período de latência.

Esquecida, por proibição da castração, de buscar um prazer autoerótico, a criança volta-se para o mundo e para o outro. É um movimento de conhecer tudo o que está ao redor. Essas fantasias contidas voltam do inconsciente sob a forma de curiosidade sobre a realidade e o que é externo. A criança começa a investigar o mundo e a descobrir que compartilhar sentimentos e emoções com o outro é prazeroso. Ou, pelo menos, alivia as dores e angústias internas. Ela aprende não só a receber amor, mas a dar também.

Durante essa fase de latência e de aprendizado, seu corpo atinge o tamanho adulto. A criança vai se tornando apta tanto psíquica como biologicamente para um vínculo maior e mais próximo com um outro. Nesse momento, ela pode se relacionar com o outro, como a sua mãe e o seu pai. Ela aprendeu, através das próprias experiências com eles e de suas observações dos dois, como é amar e dividir prazeres e angústias. Nesse momento, a criança se torna um homem ou uma mulher mais integrado(a). Com o corpo adulto, todas as fontes de prazer anteriores, que apareciam uma de cada vez e, portanto, eram parciais, voltam ao mesmo tempo. O homem aprende a ter prazer de várias formas, que culminam no prazer sexual genital, que, nesse sentido, é o mais completo, pois une os demais. Todos os outros prazeres vividos na infância são colocados como prazeres pré-genitais.

Observe-se como é difícil para o homem chegar a esse tipo de prazer. Ele tem que abrir mão dos pais, sofrer mudanças corporais com o desenvolvimento biológico e suportar as adversidades da realidade, que lhe mostra que existe limite para as fantasias.

Essa imposição da realidade não é de todo ruim. Se o bebê não percebesse que ele não pode fazer tudo que deseja, permaneceria no “mundinho” dele todo o tempo. Não existiria um contato com o mundo. É a falta de completude que mostra ao bebê o que é ter dor, sofrer e o que é amar. É no sofrimento que se aprende a amar, ou melhor, é na falta que se aprende a amar. Isso não é uma apologia ao sofrimento, nem se busca, com essas considerações, estimular as pessoas a sofrerem, até porque esse sofrimento que aqui foi explicitado é construtivo e tem um objetivo. Ele é necessário e delimitador da realidade e vem como forma de promover a preservação do ser.

Na caminhada rumo ao desenvolvimento psíquico-emocional, o homem vai crescendo independentemente de lidar bem ou mal com cada fase. O corpo cresce sem pedir permissão ao psiquismo, e o ser humano vai aprendendo a lidar com os prazeres, sofrimentos e sensações da forma que lhe é possível. Para chegar à fase anal, o bebê não tem

necessariamente que ter tido uma excelente resolução e vivência da fase oral. O sucesso, ou não, do desenvolvimento das fases vai depender do que lhe é inato e do aprendizado com os pais. Assim, se lhe falta um dos dois, a criança pode ter dificuldades de chegar à fase adulta com seu desenvolvimento pleno no período genital.

Este trabalho tenta entender o que acontece em determinadas situações em que falta a presença (interna) dos pais ou em que há uma pulsão excessiva, inata, de morte, assim como o que acontece em determinadas situações em que existe uma falha no vínculo com a mãe ou com o pai e as conseqüências para a vida adulta. Busca-se entender o que se conhece hoje em dia como *perversões* e suas conseqüências.

3. CONCEITUAÇÃO

[...] talvez pudesse ser dito que a perversão, como a beleza, está no olho do espectador. Não há dúvida de que a principal “zona erógena” da humanidade está localizada na mente (MCDOUGALL, 1997, p. 235).

Assunto polêmico e incômodo nos dias atuais é a perversão. Quando se fala de perversão, sempre se tem uma piada ou surge um rubor no rosto. Essa é a maior prova de que não sabemos lidar, ainda, com o que é diferente e, ao mesmo tempo, tão intrínseco ao homem.

Acabou-se de ver que o homem transita por diversas zonas erógenas até chegar à genital. Bem ou mal, a maioria das pessoas consegue atingir essa fase, mesmo que de forma incompleta. Entretanto, existem pessoas que não chegaram e talvez, sem ajuda da análise, nunca cheguem. São pessoas que buscam prazeres parciais, pois ainda estão na fase pré-genital de desenvolvimento. São pessoas que, por alguma característica em seu desenvolvimento psíquico-emocional, não aprenderam a fazer o vínculo com o outro: não aprenderam a amar. Perversão nada mais é do que isso: a falta do encontro.

Por se distinguir da normalidade, a perversão assusta e é motivo de discriminação e medo. Ferraz define o que é a normalidade no desenvolvimento humano:

Em linguagem psicanalítica, a normalidade implica a integração das fantasias primitivas e as atividades pré-genitais (sádicas, masoquistas, voyeuristas, exibicionistas e fetichistas, próprias da sexualidade infantil perverso-polimorfa) com as atividades genitais. A normalidade implica, ainda, a capacidade de excitação e orgasmo no ato sexual e a possibilidade de um relacionamento terno e amoroso, em que a gratificação emocional seja reassegurada pelo encontro sexual, da qual resulte uma conquista de liberdade psicológica (FERRAZ, 2000, p. 18).

Portanto, a normalidade traz consigo as atividades pré-genitais – como as atividades sádicas, masoquistas, exibicionistas etc. –, que, na infância, são normais. Entretanto, quando colocadas como atividades-fim na vida adulta, passam a ser consideradas desvios sexuais ou perversões. Isso não é fácil de entender porque envolve mecanismos primitivos de ajuste à realidade.

[...] lidar com as perversões [...] [é] lidar com a vida sexual como repleta de significação e não como simplesmente voltada para a mecânica de obter satisfação para as tensões pulsionais; [é] conceber a complexidade das fantasias sexuais que podem estar subjacentes àquilo que, descritivamente, pode ser chamado de um ato sexual comum (MELTZER, 1989, p. 156).

O próprio termo perversão é tido como algo depreciativo, algo degenerativo desde o início da concepção da palavra. Ferraz (2000) aborda, de forma bastante completa, a etimologia do termo e seu histórico:

O termo *perversão*, que tem origem no latim *perversione*, designa o ato ou efeito de perverter-se, isto é, tornar-se perverso ou mau, corromper, depravar, desmoralizar. Pode designar ainda a alteração ou transtorno de uma função. Na tradição da medicina, esse termo foi reservado para designar o desvio ou a perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico e, mais propriamente, no terreno da sexualidade. Desse modo, estamos a um passo de deixar o campo asséptico da estatística como crivo para a determinação da norma, e ingressar no campo da moralidade para definir o que é “normal”, portanto “certo” e “desejável”, e o que é “anormal” ou “perverso”, portanto “errado” e “indesejável”. Não se pode menosprezar o fato de que, da mesma raiz de *perversão*, deriva o termo *perversidade*, que quer dizer “índole ferina ou ruim” (Ferreira, 1986). Roberto Barberena Graña (1998) acrescenta algumas informações interessantes sobre a etimologia do termo *perversão*. Segundo esse autor, o latim *perversus* incluía em sua área semântica significados tais como “posto às avessas”, “contrário à justiça” e “inclinado ao mal”. Já o termo *perverto* indicava “destruir as leis” ou “profanar as coisas ou cerimoniais sagrados” (p.83). Na Idade Média, a palavra passou a designar os hereges e todos aqueles que abandonavam uma prática religiosa e a divindade, isto é, os detratores de um nome ou de uma instituição. Graña alerta para o fato de que a psicanálise tende a fazer um uso semelhante do termo, deixando-se, de modo perigoso à sua própria essência, influenciar-se por preconceitos e pelo moralismo (FERRAZ, 2000, p. 17-18).

Com o tempo, o termo tornou-se abrangente e hoje, no senso comum, utiliza-se o termo perversão para todo transtorno que se desvie do normal.

O tema perversão é controverso e polêmico porque, além da conceituação clássica de que refere um transtorno que desvia os fins da sexualidade normal, ele também implica, na atualidade, questões morais, éticas, ideológicas e jurídicas. Assim, de

acordo com a sua etimologia (a palavra “perversão” deriva de *per* + *vertere*, que quer dizer: pôr às avessas, desviar, desvirtuar...), o vocábulo designa o ato de o sujeito perturbar o estado natural das coisas, de modo que, com a sua conduta, oposta à normal, desafia as leis habituais, consciente de que, com os seus atos, ultraja seus pares e a ordem social na qual ele está inserido (ZIMERMAN, 2004, p. 267).

Antes de tentar entender o que acontece na perversão, é importante distinguir perversão de perversidade. Embora os dois termos tenham a mesma origem, têm significados distintos e nem todo perverso possui perversidade.

[A] distinção entre *perversão* e *perversidade*: o primeiro alude a uma estrutura que se organiza como defesa contra angústias persecutórias, depressivas e, especialmente, de desamparo, enquanto a outra refere-se a um caráter de crueldade e de malignidade. Assim, na perversão, o sujeito não busca primariamente a sensualidade; antes, essa se comporta como uma válvula de escape para ele provar para os outros, e para si mesmo, que superou as angústias mencionadas (ZIMERMAN, 2004, p. 267).

Mais do que pessoas com desvios de conduta, os perversos são pessoas com um sofrimento intenso e primitivo. Sofrem da ausência de existência.

Estamos frente a pessoas cujas experiências, além de qualquer patologia que possam manifestar, tiveram relação com o ter de ser inexistentes para poder ser, senão amados, ao menos aceitos por pais que odiavam a vida e por ela eram aterrorizados. [...] não lhes foi concedido existir como pessoas individualizadas, mas somente como apêndices de algum outro, contra sua própria vontade. As suas necessidades de base foram, portanto, ignoradas e não receberam uma real tutela e cuidado (MARQUES, 2007, p. 164).

Este trabalho irá abordar a perversão como um funcionamento psico-afetivo e não como algo estruturado. Adiante, serão observadas essas duas formas da perversão, mas com um olhar que parte do entendimento de que esse perverso *está* perverso, mas não *é* perverso. A perversão surge no momento da vinculação com os pais. É um desvio causado pela ausência de amor e doação.

As manobras perversas visam a evasão, exclusão e substituição das experiências, por meio das quais a notação da falta e da precariedade da existência tornam-se inevitáveis, impossibilitando sua significação. Porém tal situação por si só não se constitui como uma ação perversa, já que são movimentos comuns às transformações em alucinação já descritas por Bion (1991). O que possivelmente nos aproxima um pouco mais do conceito de perversão é a “organização”, isto é, a articulação sofisticada de elementos degradados que se prestam à evacuação e que se aglutinam por compressão e não por elos de significação e que, por sua vez, apresentam-se como uma fachada falsamente refinada no lugar de um pensamento (MARQUES, 2007, p. 158).

4. FREUD E A COMPREENSÃO DA PERVERSÃO

O estudo da perversão permeou os trabalhos que Freud realizou por toda a vida. Partindo, inicialmente, de um modelo de dinamismo psíquico, Freud, através do estudo das pulsões, procura entender a perversão como um desvio da finalidade dessas pulsões. É importante, então, entender o que ele conceitua como pulsão, que é diferente de instinto (algo do biológico), e o que são seus objetos.

O *instinto* é geralmente conceituado como um padrão de comportamento inato, com uma finalidade biológica adaptativa e *invariante* tanto no indivíduo quanto dentro de uma mesma espécie (Laplanche, 1993). [...] Freud (1905) procurou deixar evidente a peculiar e marcante *contingencialidade* daquilo que conceituou como o *objeto* (a pessoa ou coisa a quem se dirige a atração) e a *meta* (o ato a que a atração conduz) da sexualidade humana. [...] Tal contingencialidade de objeto e meta diferencia a sexualidade humana de um simples *instinto* e, por essa razão, Freud a caracteriza como uma *pulsão* (*trieb*, em alemão), cuja essência é mais o aspecto irreprimível de uma pressão por prazer do que a fixidez da meta e do objeto (HARTKE, 2005, p. 658).

Janine Chasseguet-Smirgel foi quem melhor estudou as perversões na obra freudiana, e, segundo essa autora, na qual este trabalho se baseia, o estudo das perversões na obra de Freud passa por três fases.

[...] Janine Chasseguet-Smirgel, para quem há três momentos da concepção perversa na obra de Freud, os quais não são excludentes mas complementares, como bem acentua o autor. O primeiro, aquele da neurose como negativo da perversão. O segundo, mediado pelo complexo de Édipo e pelas equações simbólicas que dele advêm, a ponto de se poder pensar, pela primeira vez, na estranheza da estreita relação entre o erótico e terrorífico das perversões. Finalmente, o terceiro momento remete a alguns artigos da década de 20 e culmina com *Fetichismo*, de 1927; aí a *recusa* (*Verleugnung*) da castração e a divisão do ego roubam a cena e trazem conseqüências tanto para a perversão como para sua irmã gêmea, a psicose (FERRAZ, 2000, p. 9).

4.1 Fases do desenvolvimento da teoria freudiana da perversão

Freud foi construindo seu estudo do desenvolvimento humano em artigos que publicou ao longo da vida, cuja leitura nos permite trilhar os caminhos de seus pensamentos. Entretanto, no que tange ao estudo das perversões, existem três que demarcam pensamentos crescentes. Os títulos desses artigos são apresentados nos tópicos a seguir, mas vale ressaltar que eles são marcos, e que as ideias que perpassam os três momentos a seguir descritos são construções de vários de seus textos. Por ora, os demais textos não serão explicitados, visto que o objetivo é permitir uma compreensão de como Freud chegou ao conceito de perversão utilizado, hoje, na clínica.

4.1.1 Primeiro momento: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905)

Freud tem duas definições para as perversões em 1905: “As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final” (FREUD [1905], 1996, p. 142).

Desde 1905, Freud já percebia que o que existe nas perversões também existe na vida cotidiana e que pessoas normais podem, em alguns momentos, desenvolver aspectos perversos. Com isso, o que parece extremamente patológico deve ser revisto como algo intrínseco ao ser humano.

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele (FREUD [1905], 1996, p. 152).

Como visto anteriormente, nesse primeiro período do estudo freudiano das perversões e do desenvolvimento sexual, o desenvolvimento do homem é diferenciado em pré-genital e genital. O que não foi colocado ainda é que existe um movimento de integração da personalidade que Freud chamou de narcisismo.

Paralelamente ao desenvolvimento sexual (psíquico-emocional), a libido ou pulsão sexual vai de um movimento autoerótico para um movimento de relações com o outro, ou relações objetais. Outra diferenciação entre o desenvolvimento pré-genital e o genital é o destino dessa libido. A libido do período pré-genital é voltada para o próprio corpo. Ora, se o

bebê começa a se descobrir, sua libido está nele, é autoerótica. Vale lembrar que nessa fase ele está vinculado à mãe e ainda não entrou no Complexo de Édipo e no medo da castração. Para ele, tudo é permitido. Isso é importante para a construção e a integração de sua identidade. O bebê vai se percebendo e se sentindo e, assim, se integrando.

Quando ele chega ao Édipo, vai redescobrir o mundo e começa a se relacionar com tudo aquilo que não é ele. Freud chama tudo que não é ego (ou eu), ou seja, o outro, de objeto. Assim, a libido deixa de ser narcísica, voltada para si, e evolui para as relações objetais. Seus investimentos pulsionais passam a ser colocados no externo, no mundo.

Freud, tal como Abraham, concebia o desenvolvimento da personalidade em termos de uma série de organizações pensadas, nesse momento [1905], como pré-genitais e genitais. A organização pré-genital já era concebida como tendo diferentes fases: oral e anal sádica (como já propunha Abraham) e oral e anal erótica, mas a divisão principal dava-se entre pré-genitais e genital. O pré-genital também era encarado como o domínio “por excelência” do narcisismo – esse último sendo concebido basicamente nos seguintes termos da libido: narcisismo como um estágio do desenvolvimento da evolução da libido, do autoerotismo para as relações objetais, no qual o corpo é tomado como objeto dos impulsos libidinais. Desenvolvimento que evolui para as relações objetais nas quais os corpos de outras pessoas são escolhidos como objetos dos impulsos libidinais – isto é, principalmente sexuais (MELTZER, 1989, p.150).

O que marca a presente fase é que nela Freud propõe que a “neurose é o negativo da perversão”, pois o neurótico aceita entrar no Édipo e, conseqüentemente, no período genital, enquanto que o perverso o nega, recusa-se a entrar na castração e permanece (fixação) em um estado anterior e pré-genital.

A teoria da sexualidade e das perversões vai sendo desenvolvida até 1919, quando Freud acrescenta uma nova descoberta ao surgimento da perversão no artigo “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões”.

4.1.2 Segundo momento: “Uma criança é espancada” (1919)

Freud afirma a normalidade das perversões na infância e busca explicar o que acontece para que esse modo de funcionamento mental persista na idade adulta.

Uma perversão na infância, como é sabido, pode tornar-se a base para a construção de uma perversão que tenha um sentido similar e que persista por toda a vida, uma

perversão que consuma toda a vida sexual do sujeito. Por outro lado, a perversão pode ser interrompida e permanecer ao fundo de um desenvolvimento sexual normal, do qual, no entanto, continua a retirar uma determinada quantidade de energia (FREUD [1919], 1996, p. 207).

Freud vai aprofundar o estudo das perversões, nessa segunda fase, observando-a como vinculada ao Complexo de Édipo e ao medo da castração. Enquanto no momento anterior o olhar era mais voltado para a pré-genitalidade e a genitalidade, agora Freud vai abordar a perversão como algo que vincula o prazer ao erótico, algo que tem a ver com problemas na triangulação edípica (pai, mãe e bebê). Segundo Hartke (2005, p. 658), o organizador nuclear central é o Complexo de Édipo e orienta-se em torno da diferença entre os sexos e as gerações, com o primado da genitalidade, e o organizador nuclear correlato é o complexo de castração.

Ele parte do estudo de fantasias de espancamento, tanto em meninas como em meninos, ligadas à origem do sadismo e do masoquismo, vinculadas ao Complexo de Édipo e de castração e, por consequência, sofrendo influência do trabalho da repressão.

Freud (1919) afirma que, na mulher, existem três fases das fantasias de espancamento. Na primeira, a menina acredita que o pai bate em uma criança e, por conta disso, surgem os pensamentos sádicos. Na segunda, a criança que apanha é ela, o que dá origem ao masoquismo. Ou seja, a criança associa o “bater” do pai às manifestações de afeto e aparece o prazer de apanhar. Na terceira fase, o pai é substituído por um outro agressor, e a menina deixa de ser a criança que apanha. A criança volta a ser outra que não ela. A fantasia dessa cena impõe à menina um sentimento de culpa e transforma o sadismo em masoquismo.

No desenvolvimento normal, Freud (1919) expõe que, para fugir de seus sentimentos eróticos em relação ao pai, na terceira fase, ela substitui o pai agressor por outra pessoa e a criança amada e agredida por outra do outro sexo. Sobre as fantasias dos meninos, Freud afirma que eles não possuem o que equivale à primeira fase das meninas. As fantasias começam com o pai os agredindo, equivalendo à segunda fase das meninas. Posterior e normalmente, na terceira fase dos meninos, é a mãe que bate em alguém que não é ele. Isso é importante, segundo Freud, para que ele possa escapar da homossexualidade, pois nessas fantasias bater e amar são equivalentes.

A perversão é ligada ao Édipo e deve ter nele sua origem, ou pelo menos seu desencadeamento. Observe-se a formulação de Freud (1919) sobre o Édipo, as neuroses e as perversões:

Se, no entanto, a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser estabelecida de modo geral, a nossa estimativa quanto à sua importância terá adquirido força adicional. Porque, na nossa opinião, o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses. O que resta do complexo no inconsciente representa a inclinação para o posterior desenvolvimento de neuroses no adulto. Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório 'sentimento de inferioridade' corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (FREUD [1919], 1996, p. 208).

Assim, devido à abordagem freudiana do Édipo, é interessante lembrar como ocorre o cenário incestuoso edípico.

4.1.2.1 A montagem do cenário incestuoso

Hartke (2005) apresenta de forma bem sucinta o Complexo de Édipo freudiano:

O acesso à genitalidade e a escolha do objeto sexual na vida adulta dependem fundamentalmente da adequada superação desse complexo [Édipo]. Na sua forma positiva, refere-se ao desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e à rivalidade assassina pelo do mesmo sexo. Na negativa, isto é, no *Édipo invertido*, envolve o desejo erótico pelo genitor do mesmo sexo e o ódio rival ao do outro sexo. Seu apogeu ocorre entre 3 e 5 anos de idade, em uma fase do desenvolvimento sexual na qual, para Freud, ambos os sexos reconhecem apenas um órgão sexual, isto é, o pênis. Nos meninos, o temor à castração por parte do pai leva à sua dissolução, deixando como resultado um período de latência sexual, bem como a formação do superego, devido à introjeção da autoridade paterna. As meninas, ao constatarem a distinção anatômica entre os sexos, passam a invejar o pênis, culpam a mãe por não lhes haver dado um e passam a desprezá-la por ser também castrada. Abandonam, então, o desejo de ter um pênis e o substituem pelo desejo de um filho. Com esse objetivo, procuram o pai como objeto de amor, passando a sentir ciúmes em relação à mãe e iniciando, assim, o complexo de Édipo positivo (HARTKE, 2005, p. 658).

O Édipo invertido, segundo Hartke, é o que levará à homossexualidade. Aqui, é importante fazer uma pausa para enfatizar que a orientação sexual, por si só, não permite a classificação como perversão, e o próprio Freud (1905) ora se refere à perversão como patologia, ora se abstém de classificá-la, colocando-a como uma fixação em um estágio anterior do desenvolvimento sexual devido ao desenvolvimento desse período num momento não adequado. No texto “Uma criança é espancada”, Freud enfatiza essa fixação da libido no desenvolvimento infantil:

Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão. Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso afastadas dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo. Sabemos que uma perversão infantil desse tipo não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação (FREUD [1919], 1996, p. 197).

Nesse segundo momento freudiano, a perversão tem origem em uma mãe incapaz de permitir o desenvolvimento do bebê, fazendo-lhe exigências exageradas e não condizentes com sua idade e desenvolvimento mental, ou tratando-o como um ser indiferenciado dela.

Ferraz [2000, p.72], citando Maksud Khan, nos diz que a mãe do perverso, “tendo um baixo grau de tolerância ante a frustração de seu filho, permite-lhe um infantilismo nas experiências corporais libidinais incongruente com o desenvolvimento das funções egóicas que dele exige”. Acrescenta que a instabilidade da mãe, “que tende a alternar exigências traumatizantes com atitudes excessivamente indulgentes, favorece a dissociação egóica e dificulta o desenvolvimento emocional, o que contribui para o engendramento de um adulto com traços infantis de personalidade” (FRANÇA, 2005, p. 35).

Nessa situação, o pai é excluído da triangulação, e o bebê, que deveria entrar em contato com o mundo, acaba funcionando somente numa relação dual mãe-bebê. Em um exemplo clínico, França (2005, p. 36) cita o comportamento da mãe de um perverso em relação ao pai: “No discurso da mãe não havia lugar para o pai, ela fazia de tudo para não deixar o filho sentir a falta dele: até organizava programas em que os outros pais também não pudessem comparecer”. O problema é que uma mãe instável, ora exigindo em demasia, ora relegando o bebê, deixa-o confuso, e sua necessidade de acolhimento e atenção torna-se maior.

Afirmou Pellegrino [1987, p. 310]: “Quanto pior for esta relação, quanto menos se sentir a criança amada e protegida pela figura materna, mais se agarrará a ela, e mais devastadoras serão as paixões desencadeadas na etapa posterior”. Mas, se ao contrário, “a relação for boa e amorosa, mais facilidade terá a criança de aceitar o corte separador que, com a interdição do incesto, a afasta da mãe” (FRANÇA, 2005 p.37).

Assim, ao invés de promover a individuação, a mãe acaba por dificultar o corte separador entre ela e o bebê. Isso leva à permanência do incesto².

Se não existe a intervenção do pai e a mãe não permite a entrada do bebê na realidade ou no mundo, o bebê continua acreditando ser completo, ou seja, ele não é e nem será castrado. Ele nega que isso possa ocorrer algum dia, e aquilo que cria o sintoma no neurótico, ou seja, o medo de ser castrado, é negado e torna-se inexistente para o perverso.

Se o perverso nega que é castrado, ele necessita de um objeto para completar a parte que lhe falta. Quando Freud percebe isso, entra no terceiro momento de sua teoria das perversões, formulando o objeto fetiche do perverso.

4.1.3 Terceiro momento: “Fetichismo” (1927)

Se o perverso nega a castração, ele não pode ou não é castrado e sua mãe também não pode ser. Assim, Freud (1927) deduz que tem que existir algo, observado nas fantasias de alguns tipos de perversão, que suprima a castração. Esse algo é o que ele chama de objeto fetiche e é simbolizado por alguma parte do corpo ou objeto que possa completar a mulher naquilo que lhe falta.

Ao enunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar (FREUD [1927], 1996, p.155).

Para Freud (1927), o fetiche é um triunfo sobre a castração. É uma forma de o ego lidar com a realidade, diferente da neurose, em que o ego reprime um fragmento do id, e da psicose, em que o ego deixa-se induzir pelo id a se desligar de um fragmento da realidade. Na

² Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, “incesto” significa “relação sexual entre parentes (consangüíneos ou afins) dentro dos graus em que a lei, a moral ou a religião proíbe ou condena o casamento”.

perversão observada por Freud em sua clínica, além de uma recusa da castração, existe uma cisão do ego. Essa cisão faz com que a pessoa permaneça na realidade em seus outros aspectos não sexuais, mas perverta a realidade da castração através de fantasias substitutivas do falo (pênis) que falta.

Etchegoyen (1989, p.99) afirma que “Freud vislumbrou, em 1922, que a perversão pode ter que ver com impulsos agressivos e não só libidinosos e, em seu ensaio sobre o fetichismo [...], assinala nesses enfermos uma forma peculiar de conformar-se à realidade”.

Esse modelo de se conformar com a realidade traz outra característica do fetiche: ele é amado e odiado de forma paralela. Está em cena a ambiguidade de sentimentos devido a impulsos agressivos e sexuais. Isso ocorre porque o fetiche *é e não é* a representação da castração. Ao mesmo tempo que ele simboliza o falo, mostra ao perverso que ele não o tem, que ele é castrado (FREUD, [1927] 1996). Esse pensamento ambíguo de ser e não-ser ao mesmo tempo permite concluir, entre outras coisas, que a perversão estaria mais próxima da psicose do que da neurose, visto que se perde uma parte da realidade no funcionamento perverso.

Assim, pode-se concluir, ao final dos estudos da obra de Freud, que o perverso tem problemas de vinculação com sua mãe, distorção do objetivo e da meta de seus impulsos, negação da castração, cisão do ego e que está mais próximo do psicótico do que do neurótico. Mas o estudo das perversões não se encerrou por aí. Outros autores pós-freudianos continuaram a pesquisar, em suas clínicas, o que ocorre com o funcionamento dito perverso e, desses estudos, segundo Chasseguet-Smirgel citado por Ferraz (2005b), encontramos duas vertentes. É o que será abordado a partir de agora.

5. A PERVERSÃO DEPOIS DE FREUD

Deve-se, antes de iniciar as considerações sobre o tema, informar que não é objetivo do presente trabalho especular quais as melhores abordagens pós-freudianas da perversão, mas somente compreender aspectos clínicos atuais dos movimentos perversos. Ferraz (2005b) aponta a existência de dois eixos teóricos:

A figura da perversão tem sido caracterizada na literatura psicanalítica por meio de dois eixos distintos, mas articulados clínica e metapsicologicamente. Esses eixos se encontram presentes tanto na vertente inglesa da psicanálise como na vertente francesa de inspiração lacaniana, ainda que descritos a partir de um referencial teórico e de um vocabulário conceitual diferentes, como não poderia deixar de ser.

Ao primeiro poderíamos chamar de eixo *sintomatológico*, e, ao segundo, de eixo *transferencial* (FERRAZ, 2005b, p. 17).

O primeiro eixo possui suas bases, segundo Ferraz (2005b), nos dois primeiros momentos da clínica freudiana, nos quais a perversão é abordada pelos seus sintomas. Assim, a perversão não estaria na base formadora da personalidade. A pessoa pode estar funcionando de forma perversa e não ser uma pessoa perversa.

[...] a perversão é aí concebida [no primeiro dos eixos], para dizer de modo sintético, como um *desvio sexual*. [...] A perversão traz, assim, a rubrica das “aberrações” e da “inversão” sexuais, cuja causa repousaria em uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal, que impede as diversas correntes da sexualidade de se aglutinarem sob o eixo ordenador da genitalidade (FERRAZ, 2005b, p. 17).

O sujeito pode funcionar de forma perversa, neurótica ou psicótica, possuindo maior capacidade de passar pelas diversas classificações psicanalíticas.

[...] a definição da perversão pela sintomatologia (“desvios” sexuais) guarda exatamente a mesma lógica presente na definição da neurose ou da psicose através dos seus sintomas (conversões, obsessões e medos, nas neuroses, ou delírios e alucinações, nas psicoses) (FERRAZ, 2005b, p. 19).

Já o segundo eixo exposto por Ferraz (2005b) traz a perversão para a relação de transferência e, na escola lacaniana, agrega-se o conceito de estrutura como forma que o sujeito assume quando diante da castração.

O segundo eixo presente na definição de perversão, ao qual chamei de *transferencial*, resulta dos desdobramentos do conceito de “transferência” tanto na escola kleiniana como na lacaniana. [...] Na escola kleiniana, ela se deve à centralidade assumida pela transferência no trabalho clínico, tornando-se o objeto mesmo da interpretação psicanalítica. Na escola lacaniana, o chamado “diagnóstico estrutural” [...] assenta-se sobre a modalidade da transferência estabelecida pelo paciente, ligando-a diretamente ao posicionamento psíquico do sujeito diante da castração (FERRAZ, 2005b, p. 20).

Outros autores vão além dos eixos expostos por Ferraz (2005b), formulando a existência de uma perversão de transferência (na clínica psicanalítica) e de uma perversão aplicada ao cotidiano. Esses estudos procuram mostrar o funcionamento perverso como algo característico do ser humano e existente em pessoas “normais”.

6. A CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL E A PERVERSÃO

[...] exercendo a função analítica, quando estamos sob a égide do espectro perverso, não nos encontramos com uma personalidade que tenha acesso a um senso de existência [...] que propicie um encontro de duas mentes, mas com um arranjo, uma articulação de fragmentos aglomerados para sustentar fachadas (-K). Acredito que tal condição seja fruto de um desastre emocional do qual ficam destroços que se evidenciam por partículas comunicativas e que carregam em si um movimento de busca do outro, de caráter parasitário e que fazem parte do modo pelo qual a comunicação se estabelece naquele momento. (MARQUES, 2007, p. 160).

6.1 Características clínicas do funcionamento perverso

Até agora se falou de perversão sem, entretanto, se apresentarem as características das pessoas que não tiveram condição de “encontrar um outro”. São características presentes na maioria das pessoas perversas, pela similaridade de seu funcionamento mental, e percebidas, na clínica, pelos analistas que as recebem.

Segundo Zimerman (2004) e outros autores, as características clínicas da perversão são as seguintes:

6.1.1 Mecanismos de defesa da “recusa”

A recusa é o mecanismo de defesa por meio do qual o perverso nega a castração. Ele não aceita que a mulher é diferente do homem, que ela não possui pênis. E ele substitui o pênis faltante por algum objeto ou ritual, que o recria em suas fantasias.

Segundo Laplanche & Pontalis, a recusa da castração é o protótipo e a origem das outras recusas da realidade. Mesmo reconhecendo que, para o sistema freudiano, trata-se, essencialmente, de *recusa da ausência do pênis na mulher*, reconhecem que o objeto mais amplo da recusa é “a realidade de uma percepção traumatizante” (1967, 562). Diferentemente do recalçamento, cujo objeto situa-se no interior do aparelho psíquico, a recusa tem por objeto uma *realidade exterior* (FERRAZ, 2005a p.14).

É recriando a realidade que o perverso suporta viver. Enquanto o neurótico interioriza e fantasia internamente, podendo distinguir o que é real do que é criado, o perverso faz da sua

fantasia a realidade, sendo que ela é, todo o tempo, testada pelo princípio da realidade para ser novamente negada, recriada e fantasiada.

6.1.2 Clivagem da personalidade

Como forma de manter-se na realidade, o perverso cinde o ego. Ele fragmenta o ego, separando-o e, assim, vive normalmente suas experiências cotidianas. O seu funcionamento perverso passa despercebido pelas outras pessoas.

Já em seus relacionamentos sexuais, ele utiliza o ritual e objetos substitutivos do falo (pênis) da mulher. Zimmerman (2004, p. 270) confirma a afirmação dizendo: “[...] eles funcionam de forma que a personalidade mantém-se absolutamente *cindida* – isso constitui a característica mais típica da perversão”.

6.1.3 Compulsão a idealizar como uma defesa contra a psicose

Entendendo que a cisão deixa a personalidade do perverso funcionando com um pé na realidade e outro na perversão, percebe-se que esse funcionamento está mais próximo da psicose do que da neurose, embora todas as pessoas possuam, em maior ou menor grau, traços ou núcleos de todos os funcionamentos mentais.

Zimmerman (2004) distingue psicose, neurose e perversão enfatizando a inconstância dos objetos nas interações dos perversos. Sem um objeto para manter projeções e introjeções, a idealização na perversão aparece para realizar sua fantasia e, somente por poder fantasiar, o perverso não sucumbe à psicose.

[...] nas *neuroses* existe uma completa discriminação entre “eu e os outros”; nas *psicoses*, há uma total indiscriminação disso; enquanto nas *perversões*, o outro não está completamente internalizado porquanto falta uma “constância objetal”, e os objetos guardam uma condição de *fetichê*, isto é, já não é mais imaginário, mas também ainda não é simbólico (ZIMERMAN, 2004, p. 269).

Existe uma limitação nas formas de suportar a realidade e lidar com as frustrações. Essa é uma característica importante da perversão, por isso a necessidade de criar, ou recriar, uma situação que possa ser suportável.

6.1.4 Não reconhecimento das diferenças relativas ao sexo, às gerações, às capacidades, à ocupação de lugares, à hierarquia e não obediência às leis – a recusa do tempo e das diferenças

Se o perverso nega a existência da mulher como um ser castrado e, no fundo, acredita que pode substituir o pai no relacionamento com a mãe, ele está desfazendo a existência de gênero humano e do tempo, que promove o crescimento, o desenvolvimento e a morte. O diferenciado é, de certa forma, proibido, pois traz uma realidade que o perverso recusa. Isso porque, como afirma Zimmerman (2004, p.271), “sempre é encontrada uma baixa tolerância às frustrações, uma nítida preferência pelo mundo das *ilusões*”.

Segundo Chasseguet-Smirgel citado por Ferraz, (2005a p.21), “à recusa da *diferença sexual* anatômica (Freud), ela justapõe uma outra recusa, para ela tão fundamental quanto a primeira, que é a recusa da *diferença geracional* (e etária, portanto)”. Ferraz (2000, p. 94) acrescenta que, “como a manutenção da recusa se baseia na onipotência, o envelhecimento do corpo, a doença física e o fantasma da mortalidade são sentidos como ameaças, ostentadas pela realidade, que podem abrir algumas brechas na rocha da personalidade perversa”.

Chasseguet-Smirgel (1984) afirma que a sedução da mãe pode desencorajar o desenvolvimento da criança ao anular seu *desejo de tornar-se grande*, o que provoca um estancamento da libido e sua paralisação em um *momento do tempo*. Esta talvez seja a dinâmica típica da perversão, quando a recusa do tempo terá como corolário a formação do sintoma sexual, *acting* cujo argumento inconsciente a ser encenado é a tentativa de provar que a castração não existe, bem como não existem as diferenças sexual e geracional, a segunda incidindo particularmente sobre o fator tempo (FERRAZ, 2005a p.22).

6.1.5 *Actings* – buscando em uma pessoa o conluio inconsciente de um faz-de-conta

Essa é outra característica do perverso em que não se pode deixar de pensar. Ele parte para a atuação todo o tempo. Se ele pudesse pensar psicanaliticamente, poderia encontrar outras formas de defesa para lidar com sua ansiedade. Mas o sentir o assusta e, diante das emoções, ele parte para a ação. Sobre os *actings*, Zimmerman (2004) afirma:

Eles substituem [a capacidade de pensar diante das experiências emocionais] por *actings* excessivos. Uma das principais formas de escoamento é a da atuação por vias erógenas [...] tais atuações estão, predominantemente, a serviço de uma *pré-geritorialidade*, de forma que cabe afirmar que é nas perversões que mais claramente se observa uma articulação da estrutura edípica com a estrutura narcísica (ZIMMERMAN, 2004, p. 271).

Como o seu funcionamento é pré-genital, são mais constantes atuações pelas vias erógenas enfatizando alguma parte do corpo, de acordo com o estágio freudiano predominante no momento do desenvolvimento psíquico em que ele se encontra.

6.1.6 Antíteses com a presença de pares antitéticos

Se o perverso nega a realidade e ela se impõe pelo seu princípio, ele volta a negá-la e ocorre a existência de dois opostos: a realidade e a fantasia. Como ele está cindido, a presença dos opostos é uma constante. A negação da falta traz consigo essa falta, e o funcionamento perverso acaba por fracassar. Zimmerman (2004, p. 270) reforça essa característica afirmando o seguinte:

A montagem (estrutura) perversa fracassa porque ela contém justamente aquilo que deve esconder [...] estão em um permanente jogo duplo: uma parte dele mantém um policiamento à pulsão perversa, enquanto a outra parte sabotagem a primeira (também pela razão da formação de culpas que o impelem a ser flagrado e punido) e comete algum tipo de “besteira”, assim fazendo fracassar o seu lado sadio, de modo a perpetuar o sistema perverso (ZIMERMAN, 2004, p. 270).

Por isso ele tende a repetir o comportamento perverso, para novamente tentar negar a distinção de gênero e de tempo. E, assim, vai tentando funcionar de duas formas simultaneamente.

6.1.7 Caráter egossintônico

O maior problema no tratamento de um perverso é justamente que ele não sente seu funcionamento como algo estranho, ao contrário, faz parte da sua personalidade. É egossintônico, ou seja, suas ações têm sintonia com o que ele acredita ser certo, ser correto.

Isso não impede, segundo Zimmerman (2004, p. 270), que o perverso, quando descoberto na prática perversa mais condenável, como incesto ou pedofilia, se debata em culpa e dúvidas. Entretanto ele se sente impelido, devido à sua compulsão, à repetição da prática perversa.

6.1.8 Objetos pulsionais transitórios

Outra característica do perverso é a não vinculação com os objetos. O perverso tem dificuldade de fazer vínculos e, portanto, seus objetos são transitórios e pulsionais (parciais). Os objetos são manipulados por ele. Ele precisa, somente, de um objeto que possa auxiliá-lo na prática perversa. Zimerman (2004, p.270) afirma que “a perversão sempre resulta de uma busca de encontrar e preencher uma “falta” de algo ou alguém do passado; o perverso apenas necessita de um parceiro (*partenaire*) que consinta e complemente a ilusão daquilo que ele procura”.

6.1.9 Onisciência e onipotência: busca por um falso risco ou ameaça e a necessidade de repetição

O perverso repete tentando refazer uma ação traumatizante para tentar resolvê-la de modo que obtenha êxito. Marques (2007, p. 161) afirma que “os vários movimentos que se seguem são impregnados de *triumfo* sobre a percepção das faltas e da vivência humana comum, uma vez que o risco de ser ‘flagrado’ no anseio básico pela busca de ligações humanas amplia a excitação da fuga e evasões”.

O triunfo está ligado a sentimentos de ser onisciente e onipotente. Se ele nega a diferença sexual e nega a existência das gerações, ele acredita que pode estar presente a tudo. Então, ele tem a sensação de que pode fazer melhor, de que o funcionamento dele é superior ao dos demais e cabe a ele, dentro do possível, difundir suas formas de realização de prazer.

Além disso, a onisciência e a onipotência lhe asseguram correr o risco e sair vitorioso, ao contrário do que ocorreu na cena traumática. Por isso, a necessidade de repetir: é uma tentativa de refazer e transformar o traumático em algo vitorioso.

6.1.10 Mãe simbiótica e pai excluído

Os pais do perverso têm um papel importante no desencadeamento da perversão. Mães que não permitem a individuação de seus filhos e pais omissos ou ausentes promovem, ou pelo menos facilitam, o estabelecimento do funcionamento perverso. Zimerman (2004, p. 270) afirma que na história pregressa desses pacientes quase sempre são encontradas evidências de “pais pervertizantes”, como uma mãe simbiótica – sedutora erógena e/ou narcisista – e, nesse último caso, ela engrandece o filho e o usa como uma mera extensão sua, com a exclusão do pai (ZIMERMAN, 2004, p. 270). Ferraz (2005a, p.26) acrescenta: “antes

que o bebê possa ter seu senso de temporalidade pessoal, é a mãe quem se encarrega da manutenção da ‘marcha do tempo’, funcionando, desta forma, como um ‘ego auxiliar’”.

6.1.11 Dissociação entre razão e emoção

A cisão do perverso dá origem a inúmeros fragmentos. Uma cisão muito evidente é a separação entre o pensar e o afeto. Na verdade, a afetividade é totalmente negada e o perverso só tem contato com seu corpo e seus desejos através do pensamento. Etchegoyen (1987, p. 102) conclui “que o perverso não sente o chamado do instinto; só tem comunicação com seu corpo através do intelecto. [...] é principalmente a inveja ligada ao sentimento de culpa o que leva o perverso a sentir seu instinto, não como de desejo, mas sim como ideologia”. Zimerman (2004, p.271) complementa:

Esse estado mental do paciente gera uma ideologia baseada na crença de que “melhor vive quem melhor consegue fingir”, o que o leva ao emprego dominante de pensamento e atitudes de um *como se*, uma indefinição do senso de identidade entre “ser” e “não-ser”, o que costuma acarretar um crônico sentimento de vazio, tédio, asco e falsidade (ZIMERMAN, 2004, p. 271).

6.1.12 Possibilidade de psicopatias

A perversão pode vir junto com psicopatias que possuem, na maioria das vezes, um caráter antissocial, com presença de agressividade e rituais que deixam a população leiga assustada. Por sinal, essa perversão que inclui a psicopatia é responsável pela má fama da perversão. Com muita frequência, a televisão noticia rituais perversos que envolvem atos de agressão ao outro e sofrimento. Um caso que abalou o país durante muitos meses e que mostra a perversão vinculada à psicopatia foi o do “maníaco do parque”, que sequestrava mulheres e as matava, em seu ritual de obtenção de prazer pré-genital.

6.2 Observações da clínica

As características dos perversos estão, todas, ligadas entre si. Fazem parte do funcionamento da perversão. A cisão leva ao esvaziamento psíquico. O sujeito perverso não consegue fazer e manter vínculos genuínos. É uma espécie de dissociação entre a afetividade e a cognição. Dissociação criada para poder suportar a realidade, mantendo suas fantasias.

Com o tempo, o perverso vai se dando conta de como é só, e isso pode incomodar muito. Falta-lhe a emoção que pode gerar os vínculos. Uma pessoa que não possui algum grau ou traço perverso (se é que isso é possível) não compreende como é difícil para ele manter alguma aproximação afetiva. Não é somente porque ele não queira. É porque ele não consegue. Isso é um fator agravante do sofrimento do perverso, que não é compreendido pelo outro porque o próprio perverso não sente, não o exprime, nega-o.

A excitação, a meu ver, provém de um tipo de tensão gerada por essa contraposição de realidades, que visa substituir o que poderia vir a ser o espaço da falta, isto é, angústias e frustrações que poderiam evoluir para dores mentais e sofrimento humano, ligados à percepção de si e de um outro ser separado ao qual se está vinculado afetivamente (MARQUES, 2007, p. 161).

Se, em alguma análise ou relação afetiva construtiva, o perverso tiver a oportunidade de entrar em contato com seus sentimentos, isso lhe parecerá estranho e extremamente destrutivo. Na verdade, o que o perverso vê como crise o analista vê como evolução. Ferraz (2000) aponta para a sintomatologia da crise no perverso:

*Aquilo a que o paciente se refere como “crise” implica, na verdade, o contato que ele toma com seus afetos genuínos, de caráter explosivo, suscitados por sua relação com os objetos (ciúmes, possessividade, inveja, percepção do *self* infantil necessitado e incapaz de sobrevivência se abandonado pelo objeto, etc.). Com a clivagem de seu ego ameaçada, o perverso pode experimentar um sentimento de iminente despersonalização, pois não é só a sua sexualidade que foi constituída sobre o alicerce da clivagem, mas sim toda a sua superfície identificatória (FERRAZ, 2000, p. 96).*

A clínica deve voltar-se para a observação da transferência perversa e, diante de uma postura ética, promover a melhoria da qualidade de vida do perverso. É olhando o perverso como alguém que sofre, que possui uma grande pulsão de morte, que podemos compreendê-lo e auxiliá-lo. Marques (2007) faz uma análise interessante e importante sobre o funcionamento perverso e a transferência perversa na análise:

Seria uma grave injustiça atribuir principalmente a elas [às pessoas perversas], mesmo que em nome da transferência, a atmosfera morta e mortífera e inquietantemente perversa que elas propõem ao analista. Essas pessoas vieram para a análise para enfrentar sua triste história, na esperança de encontrar alguém que

pudesse acreditar nelas e pensar sobre elas, mostrando-lhes talvez – e freqüentemente é assim – que aquilo que lhes pareceu sadismo e ferocidade mental de seus pais não era mais do que a tentativa de eles eliminarem sua existência da vida. Pois era a vida que eles não suportavam, e portanto atacavam. Não a eles, mesmo que obviamente, enquanto crianças, eles fossem os mais evidentes representantes da vida (MARQUES, 2007, p. 164).

Depois de observar comportamentos que, superpostos, podem levar à conclusão da existência de um comportamento perverso, deve-se buscar recursos que expliquem seu funcionamento na clínica psicanalítica e possíveis formas de auxiliá-los em seu sofrimento.

6.3 O tratamento

Hartke (2005) traz o olhar sobre a situação relacional que, abstraída e articulada quanto a seus elementos fundamentais, mostra duas conjunções constantes, sendo a primeira

uma pressão sutil ou até explícita no sentido de que exista só uma mente para os dois participantes da relação, os quais, dessa forma, sentiriam e pensariam sempre e exatamente da mesma maneira; ou, então (o que, em última instância, resultaria idêntico), de que esteja presente apenas uma mente independente, sendo a outra somente um apêndice da primeira, existindo para acolhê-la, referendá-la e mesmo admirá-la incondicionalmente (HARTKE, 2005, p. 647).

Tendo dificuldade de criar vínculos, o paciente perverso não suporta a existência de um outro que pode frustrá-lo, então, na análise, procura transformar as duas mentes (a dele e a do analista) em algo único e fundido, como era a vinculação dele com sua mãe. A segunda conjunção que aparece na análise é a seguinte:

Uma tentativa constante de tornar improdutiva, estéril, a potencialidade criativa e terapêutica da relação, mediante sua substituição por outra, em última análise sadomasoquista, intensamente erotizada e idealizada, a ponto de ser vivenciada como melhor que a anterior, a qual passa a ser arrogantemente desdenhada. Nessa circunstância, a troca receptiva e fecunda entre duas mentes é convertida em uma relação na qual um dos participantes deve ser apenas o objeto passivo e submisso dos desejos e imposições do outro (HARTKE, 2005, p. 648).

O perverso, como um paciente que possui o erótico em tudo, vai tentar deixar a análise erotizada também e, como o erotismo vem acompanhado do terror, o segundo, o objeto, deve

ser morto, ou seja, deve ser somente um apêndice para a realização do funcionamento perverso.

Tentativas de dominação da relação, como vistas anteriormente, mostram, segundo Zimmerman (2004, p. 271), que “nessas pessoas sempre existem fortes componentes *narcisistas* e *sadomasoquistas*.” No fundo “esse paciente foge, sobretudo, de seu terror diante da *angústia de desamparo*” (ZIMERMAN, 2004, p. 271). A análise é reflexo do seu funcionamento mental. E cabe ao analista observar e apresentar isso ao paciente.

Uma característica especialmente importante na atividade interpretativa do analista consiste na necessidade de ele mostrar sistematicamente as *relações perversas* que se estabelecem entre as partes contraditórias dentro do próprio *self* do paciente, de modo que é eficaz assinalar ao paciente que constantemente ele está *mentindo para si mesmo* (ZIMERMAN, 2004, p. 272-273).

No tópico a seguir, apresenta-se de forma mais detalhada a maneira como ocorre esse movimento perverso na transferência.

6.4 Perversão na transferência

Na clínica psicanalítica, a perversão pode estar presente não somente no funcionamento mais demorado na pessoa, mas ela pode aparecer em pessoas que não têm por hábito o funcionamento perverso, mas que em determinados momentos da situação analítica acabam transformando o vínculo da análise em perversão da transferência. Hartke (2005, p. 657) caracteriza perversão na transferência como “derivada de um aspecto perverso da personalidade, mesmo quando o diagnóstico é de um quadro basicamente neurótico, *borderline* ou psicótico [...]”. E Zimmerman (2004) complementa afirmando:

Em relação à *transferência*, inicialmente é útil estabelecer uma diferença entre *perversão clínica* [...] e *perversão da transferência* (ou *transferência perversa*). Esta última pode estar presente na análise de pacientes com perversões ou fantasias [...] no entanto, isso está longe de significar que com certeza se trate de paciente perverso, pois a perversão da transferência pode estar presente em qualquer análise na qual os papéis e as funções do par analítico fiquem desvirtuados (ZIMERMAN, 2004, p. 272).

Contudo, é pela contratransferência que o analista poderá identificar os traços perversos na transferência e poderá apontá-los para o paciente. Pela contratransferência, o analista pode sentir o jogo de sedução e ameaças do perverso no sentido de manipular a

análise. É percebendo a necessidade de realizar a contratransferência que o analista pode intervir no vínculo criado pelo perverso e romper com o conluio induzido pelo paciente.

A contratransferência assume uma importância singular na relação analítica, pois o terapeuta fica submetido a uma pressão do paciente, nem sempre manifesta, por meio de um sutil jogo de seduções ou de ameaças diversas, com as quais esse analisando procura ter o domínio da situação analítica e forçar que o analista comporte-se como ele, o paciente, quer! O grande risco consiste na possibilidade de haver uma absoluta falta de conscientização sobre a real esterilização do processo analítico, devido à construção transferencial-contratransferencial de um conluio de acomodação entre ambos (ZIMERMAN, 2004, p. 272).

Se o analista não percebe o conluio de acomodação, “a análise se desenrola, então, em um marco de esterilidade, e a esterilidade é a razão de ser de toda a perversão” (ETCHEGOYEN, 1987, p. 102). Assim, o papel do analista é não permitir a esterilidade e, a partir de sua postura, servir como “ponte” para o rompimento do funcionamento perverso e dar ao paciente uma oportunidade de se identificar com um modelo mais saudável, ou, pelo menos, menos sofrível. “A *pessoa real do analista* adquire um papel relevante, pois todo perverso sofre de identificações patogênicas, de sorte que, indo além das interpretações, o terapeuta também funciona como um *novo modelo de identificação*” (ZIMERMAN, 2004, p. 273). Portanto, as interpretações são fundamentais no trabalho analítico, mas devem observar, segundo Zimerman (2004, p.272) quatro aspectos:

- a) a impulsividade deste paciente não é tanto vivida por ele como um real “desejo”, como pode aparentar, mas sim, como uma forma de ele expressar uma ideologia particular, prenhe de idealizações e ilusões;
- b) ele tem a convicção de que a análise não passa de uma doutrinação que o analista quer impor a ele, de modo que ele pode se queixar que as interpretações do analista somente o desqualificam (enquanto a verdade é que, assim procedendo, é ele quem desqualifica o seu analista). [...]
- c) o terapeuta deve estar atento para uma forte tentação de interpretar o florido e atraente “material edípico” e, assim, deixar passar os essenciais elementos narcisísticos;
- d) não basta o analista estar interpretando corretamente, acima de tudo, ele deve estar atento é com o *destino* que as suas interpretações seguem na mente desse paciente, porquê ele costuma desvirtuá-las. (ZIMERMAN, 2004, p. 272)

O analista deve se policiar no sentido de evitar demonstrar os aspectos destrutivos e sádicos, pois tais situações relembram ou revivem o funcionamento perverso reforçando a repetição presente na perversão e trazendo à tona o traumático, tão difícil de suportar.

O risco na abordagem do analista é reforçar essa denegação, interpretando os aspectos destrutivos e sádicos, atribuindo-os ao intrapsíquico do paciente. Tal situação impõe ao paciente, mais uma vez, a repetição do traumático, alijando-o da possibilidade de compreender o abuso que foi perpetrado contra a criança em seu íntimo e que produz uma indelével vivência de indignidade (MARQUES, 2007, p. 164).

O funcionamento perverso, presente tanto na pessoa quanto surgindo na transferência, deve ser compreendido como comportamentos gerados como tentativa de fugir de um trauma insuportável na infância, seja por pouca tolerância à frustração, seja por uma vivência difícil e patológica com os pais (ou a falta da vivência). Contudo, a perversão, enquanto um tipo de funcionamento mental, pode ser expandida para o social, que é, na verdade, fruto e construção de muitas mentes juntas. E, de uma forma ou de outra, representa em escala macro aquilo que cada um de seus representantes pode expor. Assim como na clínica, podemos encontrar funcionamento perverso no social, no cotidiano, e é isso que será abordado a partir de agora.

7. O PENSAMENTO PERVERSO – A PERVERSÃO NO COTIDIANO

A Psicanálise trouxe uma nova forma de olhar o homem. Seus estudos clínicos puderam demonstrar a essência do ser humano. Mas esses estudos não devem limitar-se somente ao consultório. Fazendo uma analogia com a frase “tudo o que ele toca vira ouro”, pode-se dizer que tudo que a Psicanálise toca vira humano. Assim, ela perpassa o consultório e transborda no mundo. Seus estudos podem e são aplicados a inúmeras situações, nas quais se obtêm respostas positivas.

Os conceitos da Psicanálise, enquanto ciência, podem ser vistos no dia a dia, nas relações humanas que se estabelecem nas empresas, nas escolas, etc. O homem projeta no mundo aquilo que ele é e, por isso, o cotidiano está repleto de impregnações humanas nas quais se pode encontrar perversões.

7.1 A perversão no dia a dia

Marques (2007), em seus estudos de Bion, trouxe a percepção de que a perversão está no nosso dia a dia quando as pessoas se deparam com estímulos extremamente frustrantes. Nessas situações, diante do fato de não poder lidar com esses estímulos, a pessoa, não

suportando a realidade, dela se evade, sucumbindo à psicose, ou pode recorrer à onisciência, vivenciando elementos mentais de origem perversa (MARQUES, 2007, p. 153).

Marques afirma também que esse pensamento perverso surge de experiências antiemocionais causadas por processos de antipensamento gerados por partes da mente que se irradiam para os vínculos com a própria personalidade e com os outros e causam uma “fissão” – “catástrofe nuclear” – que substitui a vida e o animado por matéria psíquica morta. Nessas situações, as couraças, as aparências e os comportamentos são sustentados por uma “intelectualidade robótica, moralidade fundamentalista e excitação megalomaniaca triunfante” (MARQUES, 2007, p.153).

O objeto é degradado e morto e, ao mesmo tempo, idealizado nas ações mentais. Esse objeto encontra-se em um grande número de situações do cotidiano (MARQUES, 2007) e demonstra o funcionamento perverso na sociedade. Ainda segundo o mesmo autor,

a escolha por um grande contingente de jovens pela vida virtual em detrimento da vida real, penso que pode ser uma de suas expressões. Em nível institucional e social, a resolução de problemas de desenvolvimento e conflitos humanos exclusivamente por meio de burocracias, manipulações e regras é outra de suas manifestações (MARQUES, 2007, p. 159).

O próprio sentido do trabalho e do lucro pode ser e é pervertido.

A própria condição econômica de mercado mundial, em que a mercadoria e o dinheiro são o centro de todas as ações, esvaziando qualquer ação significativa que provenha da promoção e cuidados para com a existência de seres humanos caracteriza a astúcia perversa e estupidificante dessas manobras (MARQUES, 2007, p. 159).

Nesse modelo, as características objetais são onisciente e onipotentemente definidas, e a realidade vem para confirmá-las. Não se busca conhecer o objeto porque em tese ele já foi descoberto e conhecido, tornando redundante qualquer investigação ou tentativa de conhecê-lo. É a cisão perversa, em que a “camuflagem” e a “negação” estão presentes nos dois polos cindidos, com o objetivo de cada lado driblar o outro evitando o vínculo e a construção dual. Marques (2007) apresenta os seguintes exemplos:

Algo que se aproxima, na realidade externa, de frases que escutamos cotidianamente: “Eu conheço muito bem aquele sujeito!”, “Eu sei quem é você!” ou a célebre frase “Você sabe com quem está falando?” ou ainda “Eu sei o que você está querendo!”, “Isso não é a verdadeira psicanálise”. Cada uma dessas frases, seguidas por sentenças explicativas e argumentos de cunho moral ou mesmo por olhar pretensamente arguto e movimentos de cabeça recriminadores, que define o sujeito ou a situação, exclui a possibilidade de um encontro de duas mentes diferentes numa experiência (MARQUES, 2007, p. 162).

A falta do encontro está cada vez mais presente nos dias atuais e as instituições psicanalíticas também não escapam dela.

7.2 A perversão na instituição psicanalítica

Marques (2007) continua seus estudos expondo como ocorre o pensamento perverso nas instituições psicanalíticas. Uma das formas é definir a Psicanálise unicamente como aplicável ao consultório. Ele acrescenta o seguinte:

A idéia de que tudo aquilo que extrapola a transferência-contratransferência e a interpretação rigorosa da transferência não é psicanálise; o que não puder contemplar esses aspectos é lixo psicoterapêutico. Tal situação pode impedir e violentar a autonomia criativa do pensar psicanalítico, propondo a formação de guetos teóricos idealizados e, conseqüentemente, o enquadre da vivência na sessão em alguma formulação teórica consagrada (MARQUES, 2007, p. 159).

Do mesmo modo, pré-definir Psicanálise como algo que começa e termina na clínica, pré-classificar (ou pré-julgar) os pacientes acreditando conhecê-los é outra forma do pensamento perverso.

Por esse motivo, penso que o transcorrer de uma análise, na qual o analista ocupa uma posição previamente estabelecida de conhecimento, pode se constituir em uma grande oportunidade de se forjar cooptações que mantenham estruturas paralelas e intocáveis. Esse é um risco que corremos: impor ao analisando, a partir de uma visão teórica ou adesão a escolas psicanalíticas, uma interpretação que mais afirme a posição de superioridade e conhecimento do analista do que o acolhimento e significação do sofrimento do analisando (MARQUES, 2007, p. 162).

Uma terceira forma de perversão é o *splitting* entre o que o analista faz em sua clínica e o que ele divulga em jornadas e congressos.

Aqui também se insere o que penso ser um *splitting* na comunicação entre psicanalistas: a comunicação pública das suas idéias de base atém-se a um hábito de seguir um tipo de roteiro escolástico, seguindo uma determinada proposta teórica pasteurizada, ao passo que possivelmente, em seu consultório, comportam-se mais elasticamente. Nessas circunstâncias, cada qual afirma publicamente sua postura

terapêutica, convicto de que somente quem teve uma análise bastante boa (a dele!) pode compreender e sustentar a profunda natureza destrutiva do ser humano. Nesse contexto, o que poderia vir a ser uma troca entre pares, passa a ser uma afirmação triunfante de superioridade, que visa a banalização e degradação de pontos de vista diferentes dos consagrados pela teoria clássica psicanalítica (MARQUES, 2007, p. 165).

Para finalizar, Marques (2007) faz uma síntese de elementos que, em uma progressão de significados, podem apontar para uma ação perversa:

- ações de dupla face;
- movimentos de cooptação;
- objetos não-existentes (inanimados) com atributos de onipotência e onisciência;
- evidências do espectro perverso;
- triunfo e excitação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perversão, antes tida como uma patologia repudiada socialmente, ganha um novo olhar. Pessoas com dificuldade de manter relações com outras e com uma forte tendência à agressividade – em relação tanto a si quanto ao outro – começam a ser compreendidas. O casulo que as envolve e que as coloca em uma repetição sem fim de um trauma na infância pode, agora, ser observado e penetrado. Essas pessoas começam a ser compreendidas e esse é o primeiro passo para o restabelecimento daquilo que lhes falta: o amor.

A Psicanálise busca dar a essas pessoas um mecanismo de renovação para a sua “recriação” meio fantasiosa do mundo. Pode-se pegar pela mão e ensinar, como se ensina a um bebê, o que é amar, o que é dar, o que é receber e, acima de tudo, pode-se tentar ensinar a suportar a angústia primordial de todo ser humano. A Psicanálise pode auxiliar a compreender que todos os homens – todos, sem exceção – estão em falta e que o vínculo com o outro, negado pelo perverso, é um dos caminhos que auxiliam a suportar a falta humana básica, as limitações e a presença constante de uma realidade invasiva.

Entretanto, não se trata de uma tarefa fácil. Ela exige uma capacidade de suportar o outro (perverso) sabendo que o afeto doado não será, por um bom tempo, recebido. Mas, se

houver persistência, algo será mobilizado e, se se consegue abrir uma brecha, tem-se a possibilidade de expandir essa brecha e atingir a essência.

Como diz Joyce McDougall (1997, p. 235): “talvez pudesse ser dito que a perversão, como a beleza, está no olho do espectador. Não há dúvida de que a principal ‘zona erógena’ da humanidade está localizada na mente”. Se for possível expandir a mente de modo a olhar para o outro como alguém que sofre e busca, com os recursos disponíveis, pelo menos suportar a dor, pode-se também suportar e entender melhor a própria existência. Quem sabe, entender melhor a si mesmo, já que todos são humanos, já que todos, em maior ou menor grau, possuem características humanas. E, com isso, transformar a falta do encontro em presença.

REFERÊNCIAS

- ETCHEGOYEN, Horacio. Transferência (8). In: _____. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p.99-105 (cap.14).
- FENICHEL, Otto. Perversões e neuroses impulsivas. In: _____. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 2000, p. 303-360 (cap. 16).
- FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 (Coleção Clínica Psicanalítica).
- FERRAZ, Flávio Carvalho. A recusa do tempo. In: FRANÇA, Cassandra Pereira (org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005a, p.13-30 (cap.1).
- FERRAZ, Flávio Carvalho. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005b (Coleção Clínica Psicanalítica).
- FRANÇA, Cassandra Pereira (org.). A montagem do cenário incestuoso. In: _____. *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p.31-48 (cap. 2).
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.117-232.
- FREUD, S. (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões. In: _____. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.191-218.
- FREUD, S. (1927). Fetichismo. In: _____. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 149-160.
- HARTKE, Raul. Abordagem das situações perversas na relação terapêutica. In: EIZIRIK, Cláudio L.; AGUIAR, Rogério W. de; SCHESTATSKY, Sidnei S. (org.). *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 646-666.
- MARQUES, Miguel. A perversão nossa de cada dia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 2, p.149-167, 2007.
- MCDUGALL, Joyce. Os desvios do desejo. In: _____. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 185-232 (cap.10-12).

MELTZER, Donald. Uma criança está sendo espancada (as perversões). In: _____. *O desenvolvimento kleiniano I: desenvolvimento clínico de Freud*. São Paulo: Escuta, 1989, p.145-160.

ZIMERMAN, David E. Perversões. In: _____. *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 267-274 (cap. 23).

Petruska Passos Menezes
Psicóloga 19/0636
Psicanalista em Formação pelo NPA/SPRPE
petruska@ymail.com
data de publicação: 28/03/2014